

MDB, PSDB, PDT e União negociam 2º turno

Partidos mais disputados na etapa final da eleição discutem apoios ou neutralidade sob pressão de correligionários

SÃO PAULO, BRASÍLIA E RIBEIRÃO PRETO Os principais partidos cujo apoio no segundo turno é disputado por Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Jair Bolsonaro (PL) abriram rodadas de conversas internas e negociações que resultarão em anúncios ao longo desta semana, com rachas e posições de neutralidade também no horizonte. PSDB, Cidadania e PDT têm reuniões programadas para esta terça (4), e o MDB deve decidir até quarta-feira (5), em meio a pressões de correligionários e falta de consenso, com alas favoráveis às três opções em aberto.

Há ainda a possibilidade de que os presidenciais Simone Tebet (MDB) e Ciro Gomes (PDT) tenham postura diferente da oficializada por suas legendas, embora as sinalizações mais recentes apontem para alinhamento. Soraya Thronicke (União Brasil) disse que seguirá a decisão de sua sigla.

A União Brasil e o PSD, marcados por divisões entre lulistas e bolsonaristas, são ainda incógnitas. A interferência das eleições nos estados onde haverá segundo turno é determinante no direcionamento de ambos os partidos, mas também impacta os demais.

Lula, que chegou na frente de Bolsonaro no segundo turno, é o mais interessado em agregar legendas à sua coligação, que tem nove partidos, além do PT (PC do B, PV, Solidariedade, PSOL, Rede, PSB, Agir, Avante e Pros). O comando petista disparou nesta segunda (3) uma ofensiva, com prognósticos otimistas.

A dúvida é se será possível obter apoio de legendas que se somam em à aliança ou se apenas líderes, incluindo presidenciais, expressarão apoio.

Tebet, que fechou o primeiro turno em terceiro lugar, disse no domingo (2) que não vai se omitir e cobrou dos partidos de sua coligação (MDB, PSDB e Cidadania) uma definição rápida. Sua adesão a Lula é dada como certa pelo PT e por pessoas próximas.

As discussões no MDB passam pelo presidente Baleia Rossi, que não indica resistência a endossar Lula, mas busca manter a coesão interna.

As conversas envolvem também o ex-presidente da República Michel Temer. Segundo seu entorno, o emedebista está reticente sobre reaproximação com o PT por causa das críticas da ex-presidente Dilma Rousseff (PT) a ele e das propostas de reverter reformas aprovadas sob seu governo.

O prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes (MDB), expõe objeção ao partido de Lula. Nesta segunda, defendeu que seu partido apoie o candidato de Bolsonaro, Tarcísio de Freitas (Republicanos), contra o petista Fernando Haddad.

O PSDB, fragilizado pela derrota de Rodrigo Garcia na reeleição para o governo paulista, também está dividido. A velha guarda tucana, que em parte declarou voto no petista ainda no primeiro turno, tende a reforçar a postura agora.

O senador Tasso Jereissati (PSDB-CE) anunciou nesta segunda apoio a Lula. O prefeito de Ribeirão Preto, Duarte Nogueira (PSDB), declarou voto em Bolsonaro, citando o envolvimento do outro lado com a corrupção. A bancada federal da sigla também tende ao atual mandatário.

A executiva nacional do PSDB disse no domingo que discutiria nesta terça a liberação dos diretórios estaduais para se posicionarem como quiserem — sugerindo inclinação à neutralidade.

O presidente do Cidadania, Roberto Freire, emitiu comunicado avisando que encaminhou à executiva da legenda indicativo de apoio a Lula. O assunto está na pauta de en-

contro nesta terça.

Ciro mostrou predisposição de acompanhar a decisão do PDT. Internamente, é pressionado a apoiar Lula, inclusive pelo presidente nacional da legenda, Carlos Lupi. O PT deve incorporar propostas do ex-presidênciaável.

No caso da União Brasil, há a expectativa de que o presidente da sigla, Luciano Bivar, leve a legenda a compor com Lula. Em jogo estão a oferta

de espaço no eventual governo do petista e o apoio do Plano à candidatura de Bivar para a presidência da Câmara.

A legenda, no entanto, abraça bolsonaristas, que querem aliança com o presidente ou, no máximo, neutralidade. E a decisão pode ainda ser afetada pela discussão de que o partido abriu com o PP em torno de uma eventual fusão. O PP é um dos partidos de sustentação do atual governo.

Na campanha de Bolsonaro, os planos para o fortalecimento no segundo turno priorizam ações voltadas diretamente ao eleitor, sem busca incisiva por formalização de novas adesões partidárias — embora, é claro, estejam no radar. O candidato tem recebido apoios isolados até aqui.

A coligação, que hoje tem PL, PP e Republicanos, espera o endosso do PTB de Padre Kelmon, que fez dobradi-

nha com o presidente em debates e foi chamado por Lula de "candidato laranja".

O Novo, do presidente Felipe D'Ávila, liberou os filiados a votarem conforme a consciência no segundo turno entre Lula e Bolsonaro, mas disse que "o partido se vê na obrigação de reforçar seu posicionamento institucional histórico, totalmente contrário ao PT, ao lulismo e a tudo o que eles representam".

Horas antes, nesta segunda-feira, o principal nome do Novo, Romeu Zema, reeleito governador de Minas Gerais

apoiou a Bolsonaro e reforçou o discurso antipepetista, dizendo que é preciso "evitar que o desastre do passado se repita". Joelmir Tavares, Mariana Zylberkan, Ricardo Della Colletta, Julia Chab, Danielle Brant, Marcelo Toledo, Carolina Linhares

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Política **Caderno:** A **Página:** 7